

# almasada

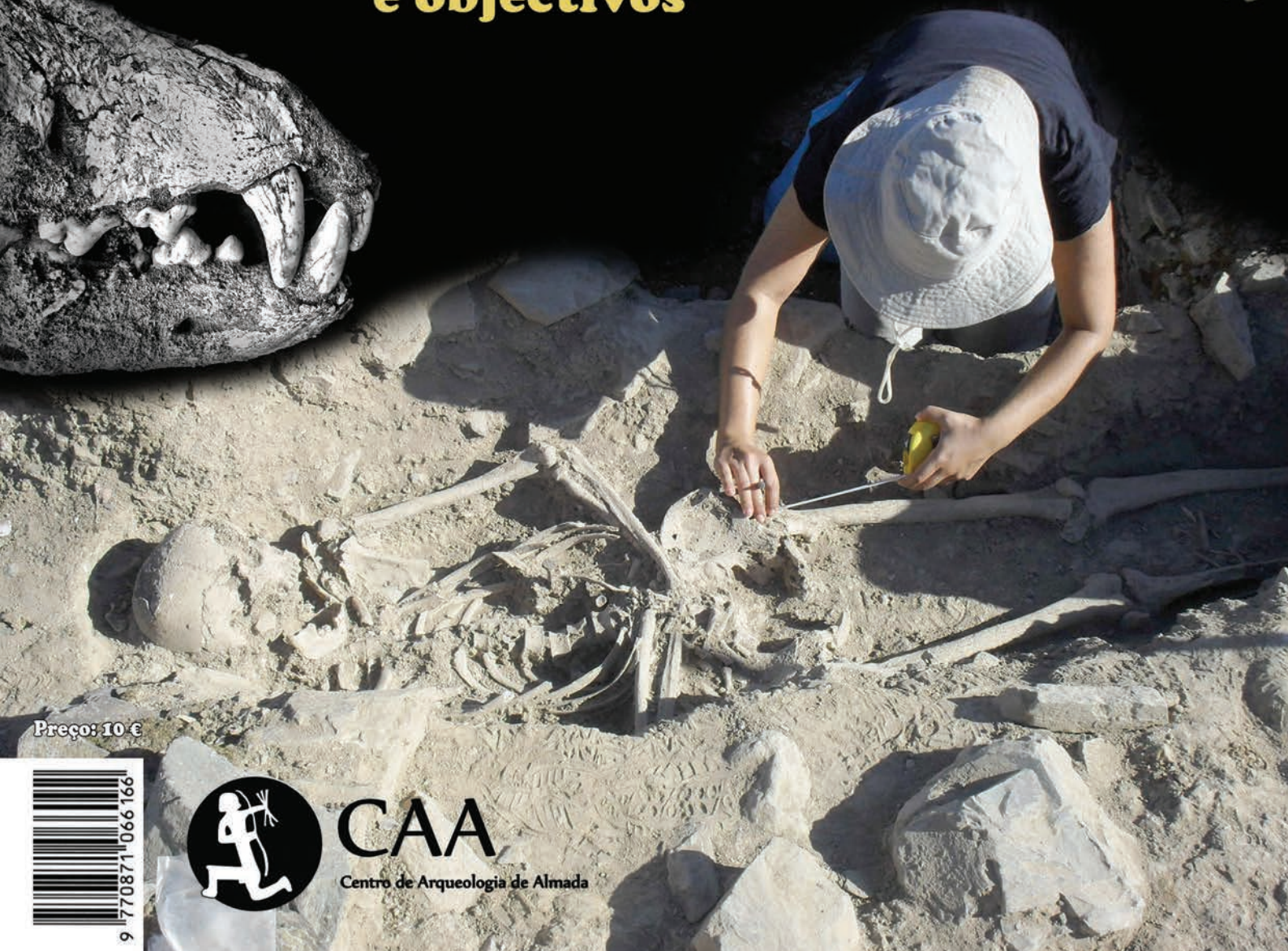
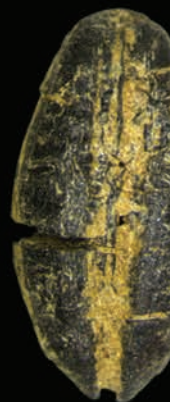
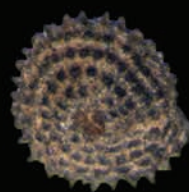
ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

2.ª série #27 Nov. 2024  
anual

dossiê

## BIOARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

temas, conceitos  
e objectivos



Preço: 10 €



9 770871 066 166



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



**Capa** | Jorge Raposo

Montagem alusiva à diversidade das intervenções em contextos arqueológicos com remanescentes biológicos de natureza humana, mas também de outros animais ou de plantas.

Nas fotos, trabalho de campo em inumação humana, parte do crânio de um cão e dois vestígios carpológicos: uma semente de *Cenastium* sp. e um grão de cevada.

**Fotos** | © Grupo de Trabalho em Bioarqueologia Portuguesa.



2.ª Série, N.º 27, Novembro 2024

**Proprietário e editor** |

Centro de Arqueologia de Almada  
Apartado 603 EC Pragal  
2801-601 Almada Portugal

**NIPC** | 501 073 566

**Sede do editor e da redacção** |

Travessa Luís Teotónio Pereira,  
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

**Telefone** | 212 766 975

**E-mail** | c.arqueo.alm@gmail.com

**Internet** | www.caa.org.pt

**Publicidade e Distribuição** |

Centro de Arqueologia de Almada

**Registo de imprensa** | 108998

**ISSN** | 0871-066X

**Depósito legal** | 92457/95

**Estatuto editorial** |

www.almadan.publ.pt

**Impressão** | Jorge Fernandes Ld.ª

Rua Qt.ª do Conde de Mascarenhas, 9  
2820-652 Charneca de Caparica

**Tiragem** | 300 exemplares

**Periodicidade** | Anual

**Apoios** | Associação dos Arqueólogos Portugueses / Arqueohoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Câmara Municipal de Almada / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

Nas últimas décadas, o panorama da investigação fundamental e aplicada realizada em Portugal melhorou substancialmente, em várias áreas científicas, embora se mantenham graves insuficiências de logística, financiamento e enquadramento institucional, que redundam em fracas condições de trabalho, precariedade laboral, insegurança e dificuldade de planeamento e obtenção de resultados com continuidade. Apesar desses constrangimentos, é crescente o número de investigadores(as) e equipas que obtêm respostas para pesquisas em curso, colocam novas questões científicas ou desbravam linhas de investigação inovadoras em contexto académico, museal e/ou empresarial. Esta constatação é particularmente evidente no plano das denominadas arqueociências, isto é, das múltiplas ciências que confluem com a Arqueologia e potenciam a identificação, o registo e a interpretação do passado humano, da sua variabilidade física e cultural, e da relação transformadora estabelecida com o meio físico, seja este geológico, animal ou vegetal. O dossiê central desta *Al-Madan* procura precisamente dar conta do “estado da arte” no domínio da Bioarqueologia, ainda que sem a pretensão de esgotar todas as suas dimensões. São, contudo, apresentadas algumas das temáticas, conceitos e objectivos que hoje norteiam o desenvolvimento da Antropologia biológica, da Arqueozoologia e da Arqueobotânica, a que se junta a preocupação de enriquecer e uniformizar práticas e procedimentos que possam fortalecer o diálogo científico intra e interdisciplinar. Merecem destaque os estudos genéticos que revelam novos dados sobre as populações humanas, as suas dietas, saúde, movimentações migratórias e outras transformações socioculturais, mas também atestam uma relação intensa com os animais que caçam, domesticam, seleccionam e melhoram. São igualmente relevantes as análises de macro e microrrestos que permitem uma visão mais holística da acção antrópica sobre o meio, reconstituições paleambientais e a percepção das alterações climáticas, tal como o são as novas técnicas de registo que garantem a salvaguarda digital de amostras que, assim, preservam integridade e capacidade de gerar informação apreensível pela tecnologia do futuro. Sobre tudo isto escrevem mais de dezena e meia de autores ligados a universidades, institutos, centros de investigação, laboratórios e museus de Portugal, Espanha, Suécia e dos Emirados Árabes Unidos. É muito, mas os conteúdos das rubricas que acompanham e complementam o dossiê têm também potencial para suscitar a atenção de quem folhear as páginas desta *Al-Madan*. Resta-me expressar votos de que proporcionem boa leitura!

Jorge Raposo, 17 de Outubro de 2024

**Director** | Jorge Raposo  
(director.almadan@gmail.com)

**Conselho científico** | Amílcar Guerra,  
António Nabais, Luís Raposo, Carlos  
Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

**Redacção** | Centro de Arqueologia de  
Almada (sede)

**Resumos** | Autores e Jorge Raposo  
(português), Luísa Pinho (inglês) e  
Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem  
e paginação electrónica** | Jorge Raposo

**Revisão** | Autores e  
Fernanda Lourenço (CAA)

**Colunistas** | Amílcar Guerra, Luís  
Raposo, António Manuel S. P. Silva,  
Carlos Marques da Silva e Victor Mestre

**Colaboram neste número** |

Miguel Almeida, Nelson J. Almeida,  
Jean-Yves Blot, Carlo Bottaini, Patrícia  
Brum, Guilherme Cardoso, João L.  
Cardoso, Daniel Carvalho, Tânia M.  
Casimiro, Ginevra Coradeschi, José M.  
Lopes Cordeiro, Mónica Corga, Ana  
Curto, João Damásio, Cleia Detry, Ana  
L. Duarte, José d'Encarnação, Cristiana  
Ferreira, Cristina Gameiro, Rita Gaspar,  
Catarina Ginja, Ricardo M. Godinho,  
Sérgio Gomes, José A. Gonçalves,  
Amílcar Guerra, António Janeiro, Célia

Lopes, Rui Mataloto, Anne-France  
Maurer, Victor Mestre, Patrícia Monteiro,  
Mariana Nabais, Vanessa Navarrete,  
César Oliveira, Susana Pacheco, Marco  
Penajoia, Ricardo Pimenta, Ana Elisabete  
Pires, Natália Quitério, Paulo Oliveira  
Ramos, Jorge Raposo, Luís Raposo,  
Paulo Rebelo, Maria de Jesus Sanches,  
Joel Santos, António Manuel S. P. Silva,  
Francisco Silva, Luciana Gaspar Simões,  
João Pedro Tereso e Filipe Vaz

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan*  
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.  
No entanto, a revista respeita a vontade  
dos autores, incluindo nas suas páginas tanto  
artigos que partilham a opção do editor como  
aqueles que aplicam o dito Acordo.

## EDITORIAL...3 ▶

## CURTAS...6 ▶

## CRÓNICAS DE...

PRÉ-HISTÓRIA ANTIGA | Luís Raposo... 8 ▶

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA | Amílcar Guerra... 14 ▶

ARQUEOLOGIA PORTUGUESA | António Manuel S. P. Silva... 18 ▶

ARQUITECTURA E PATRIMÓNIO | Victor Mestre... 21 ▶

## ARQUEOLOGIA



Da Arqueologia Naval,  
dos Naufrágios da Foz do  
Mondego e do Oceano Onde Este  
Rio Desagua | Marco Penajoia  
e Jean-Yves Blot... 23 ▶

Castelo dos Mouros  
(Cadaval, Murça): muralhas,  
moedas e muitas dúvidas por  
resolver | Miguel Almeida,  
Maria de Jesus Sanches e  
Mónica Corga... 34 ▶



Apresentação do projeto 50LAYERS.  
50 Camadas de uma Revolução:  
a Arqueologia pré-histórica  
depois do 25 de abril de  
1974 | Cristina Gameiro e  
Sérgio Gomes... 44 ▶

## CONSERVAÇÃO



Forno Romano do Eixo (Aveiro):  
um projeto de conservação e restauro |  
Ricardo Pimenta... 48 ▶

Capela de São Tomás de Aquino da  
Quinta da Torre, em Caparica: o mau estado  
do Património | Francisco Silva... 160 ▶



D. Martim Anes do Vinhal e o  
Senhorio de "Aguiar dos Padrões" (1269-1376) |  
António Janeiro... 170 ▶

## OPINIÃO

O CNANS e o Futuro |  
José António Gonçalves...  
54 ▶



Entre Imagens  
e Fragmentos:  
uma reflexão

comparativa entre fotografias e cerâmicas na Arqueologia  
| Susana Pacheco, Joel Santos, Tânia Casimiro, Daniel  
Carvalho, José Manuel Lopes Cordeiro e Patrícia Brum... 60 ▶



## HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

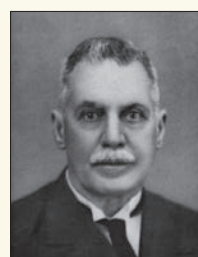
Antes da Arqueologia:  
as antas no imaginário popular  
e erudito do povo português |  
João Luís Cardoso e Rui  
Mataloto... 136 ▶



## PATRIMÓNIO

Os Fornos de Cal do Pinho  
(Carenque, Amadora): subsídios  
para o seu conhecimento e breve  
panorama dos fornos de cal  
regionais | João Damásio... 149 ▶

Augusto Vieira da Silva:  
dos estudos olisiponenses  
ao património de Lisboa  
industrial | Paulo Oliveira  
Ramos... 165 ▶



## HISTÓRIA LOCAL



# BIOARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

## Temas, Conceitos e Objectivos

67 páginas [69-135]

Coordenação: Grupo de Trabalho em  
Bioarqueologia Portuguesa e Jorge Raposo

*Conjunto de textos que não esgota,  
mas retrata de modo bastante  
abrangente a investigação hoje aplicada  
em Portugal aos vestígios arqueológicos  
de natureza biológica, sejam estes  
humanos, de outros animais ou de  
plantas. A sua diversidade estimula  
novos projectos e aproximações teóricas  
e metodológicas, ao mesmo tempo que  
suscita reflexões sobre o enquadramento  
institucional e as boas práticas na  
protecção, valorização e divulgação  
deste tipo de bens culturais.*

A Investigação Bioarqueológica Portuguesa:  
nota introdutória a um dossiê | João Pedro Tereso, Ana Curto,  
Célia Lopes, Cleia Detry, Cristiana Ferreira, Nelson J. Almeida,  
Patrícia Monteiro, Ricardo Miguel Godinho  
e Vanessa Navarrete... 70 ►

A Análise Tafonómica em Zooarqueologia |  
Nelson Almeida e Mariana Nabais... 72 ►

Nós Humanos e os Animais Domésticos: revisão (incompleta)  
da investigação arqueogenómica realizada em Portugal |  
Ana Elisabete Pires, Luciana Gaspar Simões  
e Catarina Ginja... 82 ►

A Arqueometria na Bioarqueologia: dieta, saúde e  
mobilidade no passado... | Ana Curto, Ginevra Coradeschi,  
Anne-France Maurer e Vanessa Navarrete... 95 ►

O Estudo de Microrrestos: Palinologia no contexto  
português | Cristiana Ferreira... 105 ►

*Plantando a Semente*: uma proposta para a regulação  
da Arqueobotânica em Portugal | Filipe Vaz, João Pedro Tereso  
e Patrícia Monteiro... 114 ►

A Importância da Normalização de Dados na Bioarqueologia  
Portuguesa | Célia Lopes, Ricardo Miguel Godinho  
e Ana Curto... 123 ►

Digitalização 3D: expansão da investigação e salvaguarda  
em museus de Arqueologia | Ricardo Miguel Godinho,  
Célia Lopes, Ana Curto e Rita Gaspar... 128 ►

## NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Actividades do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
(CEACO) desenvolvidas em 2023 | João Luís Cardoso... 180 ►

Uma estela discoidal encontrada numa casa em Alcabideche |  
Paulo Rebelo, João Damásio e Guilherme Cardoso... 184 ►

Escavação em São Julião (Albergaria-a-Velha) e a “Malafaia Romana” |  
António Manuel S. P. Silva... 186 ►

Balanço da Escola de Verão: “Técnicas Analíticas e Tecnologias Digitais  
em Contexto de Escavação Arqueológica” | Carlo Bottaini e  
César Oliveira... 187 ►

## LIVROS & REVISTAS

O Património Cultural de Armamar | José d’Encarnação... 188 ►

Reflexões dum arqueólogo acidental | José d’Encarnação... 189 ►

Novidades editoriais... 190 ►

## EVENTOS

IV Congresso Internacional do Sal. “Exploração Histórica do Sal.  
Sal: um mineral comestível” | Natália Quitério... 191 ►

Agenda de eventos... 193 ►

RECORTES DE IMPRENSA... 194 ►



## RESUMO

Visando valorizar o Património cultural de um amplo território transfronteiriço, entre Murça (Portugal) e Monterrei (Espanha), o projecto *Tsf - Territórios Sem Fronteiras* prevê intervenções arqueológicas em sítios-chave, dos quais se destaca o Castelo dos Mouros do Cadaval. Trata-se de um povoado entrincheirado num esporão sobre o rio Tinhela, com ocupação desde a Idade do Ferro, que preserva ainda imponentes estruturas defensivas. Localmente conhecido como sítio de caça aos tesouros, dele saíram milhares de moedas romanas para colecções privadas, algumas hoje integradas em acervos museológicos. Paradoxalmente, este sítio crucial para a compreensão da presença romana na região nunca mereceu a devida atenção da comunidade científica. O projecto *Tsf* pretende promover esta reconciliação a partir de trabalhos de terreno iniciados em 2024. Este artigo reporta o início deste processo.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia; Fotogrametria; Geofísica; Época Romana; Idade do Ferro.

## ABSTRACT

The *Tsf - Territories without borders* project aims to enhance the value of the cultural heritage of a vast territory at the border between Murça (Portugal) and Monterrei (Spain), by carrying out archaeological interventions in key places, among which the Moors Castle of Cadaval. This settlement, entrenched on a spur over the Tinhela river, has been occupied since the Iron Age and still preserves impressive defensive structures. It is known locally as a treasure hunt spot where thousands of Roman coins were found and taken into private collections, some of which are now part of museum assets. Although the site is crucial for understanding the Roman presence in the region, it has not yet received the attention it deserves. The *Tsf* project aims to promote the reconciliation with field work that began in 2024. This article reports on this process.

KEY WORDS: Archaeology; Photogrammetry; Geophysics; Roman times; Iron Age.

## RÉSUMÉ

Visant valoriser le Patrimoine culturel d'un ample territoire transfrontalier, entre Murça (Portugal) et Monterrei (Espagne), le projet *Tsf - Territoires Sans Frontières* prévoit des interventions archéologiques sur des sites-clés, parmi lesquels se détache le Castelo dos Mouros de Cadaval. Il s'agit d'un lieu-dit retranché sur un éperon au-dessus de la rivière Tinhela, avec une occupation depuis l'Âge du Fer, qui conserve encore d'imposantes structures défensives. Localement reconnu comme un site de chasse aux trésors, de là sont sortis des milliers de pièces de monnaie romaines destinées à des collections privées, certaines aujourd'hui intégrées dans des réserves de musées. Paradoxalement, ce site crucial pour la compréhension de la présence romaine dans la région n'a jamais reçu l'attention méritée de la part de la communauté scientifique. Le projet *Tsf* prétend promouvoir cette réconciliation à partir de travaux de terrain initiés en 2024. Cet article raconte le début de ce processus.

MOTS CLÉS: Archéologie; Photogrammétrie; Géophysique; Époque romaine; Âge du Fer.

# Castelo dos Mouros (Cadaval, Murça)

## muralhas, moedas e muitas dúvidas por resolver

Miguel Almeida <sup>1,2</sup>, Maria de Jesus Sanches <sup>3</sup> e Mónica Corga <sup>1,2</sup>

### 1. ENQUADRAMENTO E OBJECTIVOS DO PROJECTO TSF

O projecto “Tsf - Territórios Sem Fronteiras”, financiado pela Fundação La Caixa / BPI através do programa “Promove - O futuro do interior”, visa valorizar o capital simbólico endógeno de um amplo território transfronteiriço entre Murça (Portugal) e Monterrei (Espanha), artificialmente dividido por uma fronteira permeável a uma unidade cultural de raízes muito profundas. O projecto cumprirá um plano de:

- Requalificação física de sítios arqueológicos;
- Enriquecimento da experiência de visita através de informação estática e canais digitais; e
- Promoção de micro-empendedorismo na área do turismo cultural e de natureza.

A fim de produzir o conhecimento indispensável para esta valorização do Património cultural regional, o projecto assenta num programa de intervenção directa em sítios de relevo patrimonial e paisagístico dos quais o Castelo dos Mouros do Cadaval se destaca, até no imaginário das populações locais, que, pelo menos de há 50 anos, conheciam o sítio como um local de tesouros excepcionais onde iam “cavar” moedas para vender a coleccionadores ou engrossar colecções particulares <sup>1</sup>, e recuperar para construções contemporâneas pedras trabalhadas das muralhas.

### 2. ENTRE O TEMPO DA CAÇA ÀS MOEDAS E A PERPLEXIDADE DO DESINTERESSE CIENTÍFICO

#### ENQUADRAMENTO GEOLÓGICO E GEOMORFOLÓGICO

O Castelo dos Mouros do Cadaval (Fiolhoso, Murça) (Fig. 1) situa-se a menos de 2 km para Oeste-Sudoeste da sede de concelho, perto da margem direita do rio Tinhela, mas muito acima da cota do rio, dominando uma área importante do vale a partir de um esporão no rebordo noroeste do planalto

<sup>1</sup> Ver entrevistas no vídeo-documentário *As Origens Perdidas do Cadaval*, produção e realização de Rui Gomes e Telmo Sá: <https://tinyurl.com/yvsdfnhd>.

<sup>1</sup> Dryas/Octopetala. OctoBox, Coimbra ([miguel.almeida@dryas.pt](mailto:miguel.almeida@dryas.pt)).

<sup>2</sup> UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras ([monica.corga@dryas.pt](mailto:monica.corga@dryas.pt)).

<sup>3</sup> CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (I&D 4059 da FCT). Faculdade de Letras da Universidade do Porto ([mjsanches77@gmail.com](mailto:mjsanches77@gmail.com)).

Por opção dos autores, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.



**FIG. 1** – Vista do Castelo dos Mouros do Cadaval a partir de Oeste, durante a campanha de escavação de 2024: notar a persistência de imponentes panos de muralha e a densidade da ocupação florestal da acrópole, mesmo após a limpeza da vegetação arbustiva e de médio porte.

granítico do Pópulo, menos abrigado, e com um clima rigoroso de extrema amplitude estival/invernal (DAVEAU, 2000: 10).

Esta diferenciação climática e variação da capacidade edáfica, determinadas pelos granitos moscovíticos-biotíticos, de grão grosseiro a médio e tendência porfiróide da formação de Águas Santas, terão condicionado a exploração dos solos pobres destas zonas planálticas, mais adequadas para culturas agrícolas de baixo rendimento, pastorícia ou aproveitamento florestal.

#### HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES, DESDE A FASE PRÉ-CIENTÍFICA

O Castelo dos Mouros encontra-se mapeado no *Portal do Arqueólogo* sob o Código Nacional de Sítio (CNS) 13137 que, porém, não apresenta qualquer descrição do sítio, de resto, erradamente referido com classificação de Interesse Público.

Contudo, o *Portal* inclui, sob o CNS 3572, referência a outro castro, pretensamente situado no limite da aldeia do Cadaval, que não identificámos e cuja ficha de sítio ostenta a descrição do Castelo dos Mouros que incluíramos no relatório final do projecto “LAMARL - Levantamento Arqueológico de Murça e área adjacente à Ribeira de Lila” (coordenado por uma de nós: MJS): um “*imponente povoado fortificado*” constituído por uma pequena acrópole implantada num esporão e marcada por um “castelo” granítico, rodeado por estruturas muralhadas adaptadas

à topografia dos afloramentos circundantes, revelando a existência de muralha dupla e um espaço não superior a 2,5 m entre as duas muralhas, de que se preservam tramos extensos e altos, de aparelho rectangular. A área urbana ocuparia ainda duas plataformas contíguas, a cotas mais baixas da encosta Sul-Sudeste, profundamente artificializada por socos agrícolas de cronologia desconhecida, que produziram materiais arqueológicos e diversos vestígios de construções circulares interpretadas como bases de habitações, fustes de coluna e outros elementos arquitectónicos, silhares avulsos resultantes de derrubes da muralha e/ou outras edificações, possíveis linhas adicionais de muralha e algumas rochas afeixoadas com entalhes, nivelamentos e pequenas covas, incluindo um possível santuário (PEREIRA e LOPES, 2007).

Amplamente conhecido da população local, que frequentemente o visitava em busca das muitas moedas romanas que se sabia recuperar em cada buraco aberto na terra – prática que mais tarde evoluiria para verdadeiras pilhagens operadas por “*caçadores de moedas, munidos de detectores de metais*” (LEMONS, 1993: vol. 2, pp. 502-504) –, o sítio dos Castelo dos Mouros surge em 1985 num ensaio monográfico de Murça – que refere “*as muralhas de parede dupla, de robustez capaz de suportar as bárbaras e aguerridas invasões inimigas dos constantes povos colonizadores, as habitações construídas em pedra solta, o lagar de azeite e as sepulturas cavadas na rocha*” (FERNANDES, 1985: 20) –, para logo de seguida ser inventariado (n.º 587), sem novas informações, em *A Cultura Castreja no Noroeste*

de Portugal de Armando Coelho Ferreira da SILVA (1986: 94) e depois expressamente referido no estudo da *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192* graças à identificação de um denário de Júlio César, cunhado em Itália, entre 49-48 a.C., e de um AS de Octaviano, cunhado em Calagurris, antes de 27 a.C. (ambos pertencentes à colecção de João Parente) (CENTENO, 1987: 2, 178, n.º 40).

Sem ter jamais merecido a atenção científica que justificava, o Castelo dos Mouros despertou o interesse episódico de alguns investigadores cujos trabalhos confirmam o potencial científico do sítio.

Francisco Sande Lemos inventariou este castro no âmbito do *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental* (LEMONS, 1993), associando a área de Murça e Alijó (Vila Real) aos castros romanizados do distrito de Bragança e classificando-o como povoado fortificado de média dimensão, assente num “castelo granítico” sobranceiro ao Tinhela, apresentando arquitectura defensiva (complexidade e relação espacial das linhas de muralha) e tecnologia construtiva (aparelho poligonal e rectangular de pedra picada e faceada, largura entre faces da muralha e enchimento do interior) idêntica à dos demais castros da bordadura oriental do planalto de Alijó (particularmente do caso muito próximo do Pópulo), embora situado a uma altitude inferior. Os trabalhos de prospecção de Sande LEMOS (1993) revelaram:

– No interior do espaço muralhado, vestígios de estruturas e de fragmentos cerâmicos atribuíveis tanto à Idade do Ferro, como ao período da romanização; e

– Nas vinhas e olivais a sudoeste das muralhas, numerosos fragmentos de cerâmica romana de construção e doméstica que indicariam uma expansão do povoado já em época imperial, talvez relacionado com o contexto mediterrânico em que se insere, e afloramentos graníticos afeiçoados com tanques, canais e fossetes semelhantes aos dos castros de Carlão e Castorigo.

Por fim, o projecto LAMARL, pese embora limitando-se igualmente a trabalhos não-intrusivos de prospecção, viria reforçar o potencial científico do Castelo dos Mouros, tendo produzido: um levantamento topográfico da área; uma delimitação da área de ocupação; uma melhor caracterização da planta, tecnologia e estado de conservação das estruturas defensivas; e a percepção da complexidade do sítio, que se estende pelas sucessivas plataformas a sudoeste-sul da acrópole (SANCHES, SILVA e NUNES, 2000).

Com efeito, os sucessivos incêndios da década de 1990, *maxime* o de 1998, revelaram na encosta sobranceira ao rio Tinhela numerosas “casas”, já conhecidas dos vizinhos, que também terão sido alvo de pilhagem por detectoristas. Merecem destaque as duas potentes muralhas bem conservadas que definem uma “acrópole”, e, nos sectores Sul e Sudoeste, vestígios de construções circulares e outros elementos arquitectónicos (por exemplo, fustes de coluna, ombreiras, soleiras, etc.), além de moínhos manuais.

Embora o impacto da prática agrícola na topografia e paisagem da vertente impeça a discriminação da cronologia antiga ou recente/subactual

dos troços de muro actualmente preservados, era inelutável observar a presença de silhares aparelhados, fustes de colunas e outros elementos arquitectónicos, alguns decorados, que denunciam a (pré-)existência de construções de alvenaria, defensivas e/ou habitacionais, incluindo, aparentemente, casas circulares. Foram também repertoriados e cartografados na área do Castro e envolvente:

– A presença de “cerâmica de fabrico manual, proto-histórica, telha romana (tegulae, imbrex), fragmentos de grandes recipientes (dolia)” que balizam a longa diacronia da ocupação do sítio, entre os séculos II a.C. e o V d.C. (SANCHES, SILVA e NUNES, 2000: ficha 5/AACM-5);

– Uma calçada com cerca de 3-3,5 m de largura e aproximadamente 100 m de comprimento, que constituiria o acesso Sul ao povoado e talvez estabelecesse ligação com a via romana a Sudeste (IDEM: ficha 11/AACM-1).

– Alguns afloramentos que exibiam entalhes, nivelamentos e pequenas covas indiciadoras da provável instalação de estruturas, hoje desaparecidas, em materiais perecíveis, assim como um santuário rupestre (Relatório LAMARL);

– Três lagaretas (Cns 13136) antes assinaladas por António Luís Pinto da COSTA (1992: 92) como sepulturas rupestres, e um lagar cuja tecnologia de longa perduração não admite qualquer tentativa de atribuição cronológica rigorosa no intervalo entre o século II a.C. e a Época Contemporânea (SANCHES, SILVA e NUNES, 2000: fichas 3/AACM-3 e 4/AACM-4);

– Um santuário rupestre (Cns 13141), sito na plataforma Sul contígua à muralha, constituído por três afloramentos graníticos afeiçoados que apresentam degraus escavados na rocha, aplanamentos artificiais das zonas somitais dos penedos, uma pia (/tanque) rectangular e outra circular, e diversas gravuras abstractas, presumivelmente feitas a pico metálico (IDEM: ficha 6/AACM-6); e, por fim,

– Um povoado pré-histórico localizado numa plataforma próxima onde se recuperaram materiais pré-históricos, incluindo fragmentos de cerâmica manual decorados com punccionamentos e/ou impressões conhecidos do Neolítico/Calcolítico regional, assim como peças de quartzo talhado e percutores e alisadores com vestígios de utilização (IDEM: ficha 2/AACM-2).

### 3. ENQUADRAMENTO REGIONAL: DADOS E AUSÊNCIAS

Localizado na “zona de fronteira” definida pelo limite entre os planaltos que se estendem até Valpaços e Vila Pouca de Aguiar (Serra da Padrela) e os relevos da bacia do Douro, mas também (/sobretudo!) por interesses ou acasos de investigação, o Castelo dos Mouros nunca recebeu atenção suficiente de especialistas da Idade do Ferro ou do período romano, com excepção das referências preliminares de Sande LEMOS (1993) (ver acima).

Decorre que os trabalhos sobre a ocupação romana no Alto Trás-os-Montes ocidental (por exemplo, MARTINS, 2010: mapas), e particu-



larmente os que se referem à mineração e à via XVII (*Bracara Augusta - Asturica Augusta*) e sua rede viária secundária (LEMONS e MARTINS, 2010) nunca alcancem o território a Sul da área mineira de Jales-Três Minas / Leste da Padrela. Ora, a calçada “romana” e a Ponte Velha (SIP - CNS 956) que a conduz sobre o Tinhela à cota de 380 m de altitude situa-se precisamente na base do Castelo dos Mouros, fazendo supor estar ligada a uma rede viária que integraria este sítio no período romano <sup>2</sup>.

Infelizmente, o restauro realizado no castro do Pópulo (Alijó) (CNS 2646) – apenas 3,6 km para sul-sudoeste do Castelo dos Mouros do Cadaval –, com expressivas muralhas, mas muito danificado pelas obras na capela edificada em pleno sítio arqueológico, não contou com quaisquer sondagens arqueológicas, que poderiam proporcionar elementos cruciais de enquadramento crono-cultural do Castelo dos Mouros.

O Crasto de Palheiros, na sua longa ocupação desde o 2.º quartel do 3.º milénio a.C., a par do sítio de Trás do Castelo, de Vale de Mir, serão assim os sítios que oferecem os melhores elementos de comparação para a longa diacronia do Castelo dos Mouros:

– Embora a escavação do Crasto de Palheiros (Noura/Palheiros, Murça), em 1995-2007 e 2017, visasse sobretudo a sua ocupação calcolítica, revelou-se marcante o seu contributo para o conhecimento da idiossincrasia da Idade do Ferro na região (SANCHES, 2008): por volta de 500 a.C., o Crasto seria um povoado predominantemente agro-pastoril, aberto, com contactos exteriores demonstrados pela presença de um *krater* grego, a que se acrescentaria mais tarde um recinto interno, por volta do século III a.C., no quadro de uma profunda reformulação “urbana” (SANCHES, 2008: 48-49; PINTO e SANCHES, 2022). Somente após os séculos I-II d.C. o Crasto parece ter tido muralha exterior de aparelho regular na zona nordeste, após o que terá sido abandonado sem indícios materiais de aceitação da cultura material romana, a não ser uma fíbula em ómega, artefacto de indumentária de ampla circulação (PINTO e SANCHES, 2022; PINTO, 2019).

– Com uma implantação topográfica – no rebordo oriental do planalto do Pópulo – similar à do Castelo dos Mouros do Cadaval, o Castro de Vale de Mir (Pegarrinhos, Alijó) (CNS 15169) (SILVINO e PEREIRA, 2017 e 2020) dista deste somente 6 km para sul. Embora não existam dados arqueológicos directos sobre o interior do recinto muralhado, a escavação realizada na área adjacente (designada “Sítio de Trás do Castelo”), revelou uma área urbana exterior às muralhas ocupada desde o século I d.C. cujas características dos edifícios de cariz romano e níveis arqueológicos sustentam a associação a actividades de exploração agrícola (incluída a produção de vinho), activa entre os séculos I e IV d.C. (SILVINO e PEREIRA, 2017: 1101).

<sup>2</sup> Devendo, entretanto, notar-se que, embora seja corrente afirmar, particularmente em folhetos promocionais, que esta calçada estaria ligada à Via XVII (ARQUEOHOJE, s/d), não existem vestígios materiais de calçada ou outros associados que indiquem o seu traçado.

## 4. INTERVENÇÃO NO CASTELO DOS MOUROS

### 2023: TRABALHOS PREPARATÓRIOS

As primeiras visitas da equipa TSF ao Castelo dos Mouros permitiram verificar:

- As excepcionais condições de ocupação do local, que consiste num esporão natural de defesa fácil, topograficamente proeminente, dominando um sector importante do vale do Tinhela, mas rodeado de terrenos de boa qualidade agrícola e servido por um curso de água perene;
  - O enorme potencial científico do sítio, revelado pela presença imponente de estruturas defensivas e depósitos sedimentares com abundante conteúdo arqueológico, quer no interior do espaço muralhado, quer nas áreas circundantes; e, paradoxalmente,
  - A ausência de atenção científica e manutenção do sítio, que se apresentava:
  - Densamente colonizado por espécies arbustivas e arbóreas que impediam a percepção do espaço e das estruturas arqueológicas, para além de afectarem a sua preservação; e
  - Repleto de crateras de violação, denunciando a actividade, inclusivamente muito recente, de detectoristas e outros saqueadores.
- Mais, acrescia ainda a inexistência de um cadastro geométrico capaz de orientar a relação da equipa de investigação com os proprietários de terrenos na área do sítio.
- Em resposta, desenhamos um plano de trabalhos preparatórios:
- Identificação de proprietários, assumida pelo Município de Murça;
  - Desmatção e limpeza de vegetação;
  - Levantamento topográfico aerofotogramétrico complementado por varrimentos de *laserscanner*;
  - Construção de um modelo digital tridimensional da área do sítio;
  - Análise da planta e estado de conservação das estruturas construídas do sítio; e
  - Campanha exploratória de prospecção geofísica para despiste de eventuais depósitos sedimentares e/ou estruturas conservadas.

### MARÇO’24: DELIMITAÇÃO DA EXTENSÃO E ENQUADRAMENTO TOPOGRÁFICO DO SÍTIO

Visando a avaliação do potencial arqueológico, delimitação da área do sítio para sua protecção efectiva e legal e programação de trabalhos subsequentes, a intervenção de sondagens arqueológicas iniciar-se-ia em Março de 2024 em duas zonas do Castelo dos Mouros (Fig. 2):

- “Topo 1” (sondagem de 20 m<sup>2</sup>): na acrópole (Fig. 3), definida pelo recinto muralhado, numa zona aplanada contígua à muralha; e
- “Plataforma 6” (sondagem de 9 x 2 m): na vertente Sul (Fig. 4), intensamente artificializada por socalcos agrícolas, onde havia notícia de construções antigas (podendo incluir vestígios de estruturas defensivas e de uma zona habitacional).



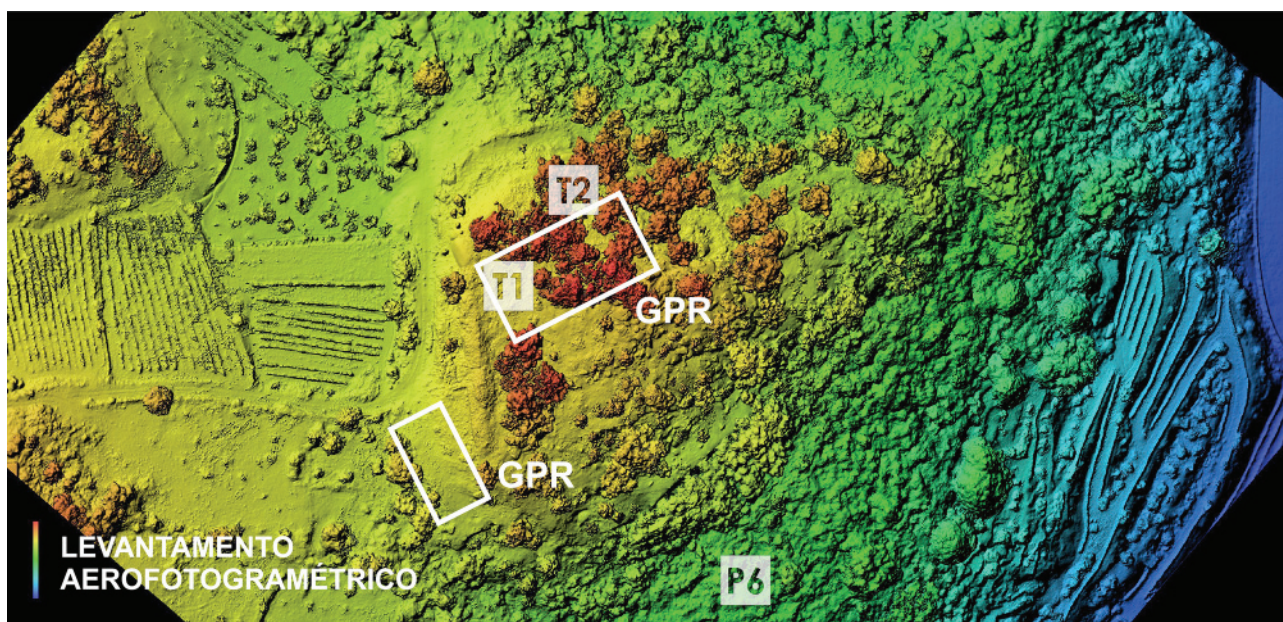


FIG. 2 – Localização das zonas de sondagem arqueológicas e prospecções geofísicas por georradar realizadas no Castelo dos Mouros do Cadaval durante as duas campanhas arqueológicas de 2024 sobre levantamento topográfico aerofotogramétrico.

Ambas as zonas revelaram intensa afectação antrópica da estratificação original do sítio, seja por impacto da actividade agrícola (sobretudo na vertente sul) ou de caçadores de tesouros (principalmente na acrópole). Apesar disso, estes primeiros trabalhos de sondagem demonstraram imediatamente o potencial arqueológico do sítio.



FIG. 3 – Aspecto geral dos trabalhos de escavação arqueológica na área L105-M107 em Março/Abril de 2024; notar a geometria das valas de fundação escavadas num depósito provavelmente correspondente a um aterro antropogénico.

#### SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA E ASSOCIAÇÕES ARTEFACTUAIS

Na plataforma 6, a sondagem arqueológica revelou remeximentos importantes quase até à base da estratificação, produzindo associações heterogéneas de objectos arqueológicos atribuíveis a diferentes cronologias <sup>3</sup>:

– Uma maioria de materiais de clara cronologia romana, incluindo cerâmica de construção (*tegulae* e *imbrex*), acompanhada de alguns exemplares de cerâmica de armazenamento (nomeadamente *dolia*), frequências escassas de fragmentos de cerâmica comum romana e raros exemplares de *terra sigillata*, provavelmente hispânica, fragmentos de vidro, escória de

<sup>3</sup> Ressalve-se que o presente texto é escrito apenas duas semanas depois da conclusão da intervenção arqueológica de 2024 no Castelo dos Mouros, estando, por isso, a higienização, inventariação e análise do espólio arqueológico ainda em curso, pelo que estas observações preliminares, maioritariamente produzidas em campo, carecerão ainda de ulterior confirmação em laboratório.

ferro, artefactos diversos de bronze, um *pillum* e numerosos numismas, predominantemente da época de Constantino I (incluindo um exemplar com uma representação do deus-sol Apolo no reverso e outro exibindo uma *gloria exercitus*);

– Surge associada a cerâmicas características da Idade do Ferro da região litoral <sup>4</sup> e do interior de Trás-os-Montes, conhecidas, por exemplo, do Crasto de Palheiros ou de Puio/ /Castelar-Picote (Miranda do Douro), estas resultantes tanto das escavações de Santos Júnior, como de prospecções mais recentes (PINTO, 2005);

<sup>4</sup> Informação oral de Andreia Arezes, após análise sumária do espólio em curso de higienização e inventariação.





FIG. 4 – Aspecto dos trabalhos arqueológicos realizados na sondagem arqueológica da “plataforma P6”, já durante a escavação da última unidade estratigráfica, depositadas sobre e nos interstícios do *bedrock* granítico.

– A outras cerâmicas lisas e decoradas (incisas) de tradição calcolítica ou do Bronze Antigo regional (por exemplo, SANCHES, 1997; TEIXEIRA, 2023);

– E mesmo, embora restritos às duas unidades estratigráficas superficiais, resultantes de lavras sub-actuais, objectos de indubitável cronologia moderna e contemporânea, inclusivamente plásticos.

A simples consideração desta associação artefactual díspar comprova a complexidade dos processos de formação destes níveis arqueológicos e o seu evidente carácter remexido / posição secundária.

A única excepção a este panorama de fragilidade da informação arqueológico-estratigráfica da sondagem da Plataforma 6 provém do depósito sedimentar mais antigo, directamente sobre o *bedrock* granítico e nas fendas das suas diáclases (ver Fig. 4), que produziu um conjunto artefactual mais homogéneo, composto por cerâmicas lisas e decoradas por incisão, de tradição calcolítica, atribuíveis à primeira Idade do Bronze regional, incluindo um fragmento de taça carenada decorada no interior e exterior de tipo *Cogeces/Protocogotas*.

#### MARÇO'24/JULHO'24: AVALIAÇÃO DE POTENCIAL ARQUEOLÓGICO NA ACRÓPOLE

##### Estruturas defensivas

Após os trabalhos iniciais, a observação das estruturas defensivas expostas à superfície revelava:

- O carácter imponente e, a espaços, a boa preservação das estruturas originais;
- O provável polifaseamento da sua história construtiva e de utilização, denunciado pela diversidade de técnicas de construção dos panos de muralha, que mostravam tramos de apare-

lho isódomo (semelhante ao Castro do Pópulo) e outros de aparelho pseudo-isódomo e mesmo irregular, para-ciclópico, para além do actual coroamento de parte importante da muralha por um caos de

blocos que resultarão da derrocada do enchimento original após a exploração da muralha para reaproveitamento de muitos silhares em construções de Época Moderna/Contemporânea; e

– Evocando claramente a origem pré-romana da muralha, indícios de uma organização complexa, da qual, por ocultação provocada pelos muitos derrubes, desconhecemos ainda a planta completa, elementos estruturantes, entradas e percursos de circulação.

Para complicar a interpretação da estruturação do espaço interno e da envolvente do recinto muralhado, toda a área apresenta diversos muretes de socalco e sustentação de terras, de dimensões mais ou menos con-

sequentes, cuja cronologia não pode aferir-se da sua técnica construtiva, nalguns casos muito rudimentar, nem foi possível avaliar em sondagem, dada a ausência de contextos arqueológicos associados (Fig. 5).

FIG. 5 – Aspecto de um dos muretes de socalco expostos nas sondagens realizadas na zona T2, no interior do recinto muralhado.





A caracterização destas estruturas defensivas contava-se entre os objectivos primordiais da sondagem realizada na área “Topo 1”, iniciada na campanha de Março’24 e alargada em Julho’24 para um total de 48 m de escavação.

### Área “Topo 1”

A estratificação arqueológica identificada nesta área coloca em relação as estruturas defensivas do povoado com um conjunto complexo de estruturas negativas de tipo vala (abertas num aparente depósito de aterro constituído com materiais geológicos originários da meteorização do substrato granítico local para nivelamento topográfico da área) cuja planta ortogonal, carácter rectilíneo e total ausência de conteúdo estrutural ou mesmo negativos de estruturas removidas ou perecíveis constituem aspectos intrigantes (Fig. 6).

A compreensão da relação espacial e cronológica entre estes dois conjuntos de estruturas (muralha e valas de fundação) é dificultada pela degradação das estruturas defensivas, estratigraficamente traduzida por pujantes derrubes pétreos, e pela profusão de crateras de violação dos caçadores de tesouros contemporâneos.

Em consequência, a correcta interpretação:

- Da evolução do sistema defensivo do povoado;
- Das estruturas negativas;
- Do próprio depósito sedimentar em que foram escavadas; e
- Dos processos de formação do sítio e constituição das associações artefactuais;

carece ainda de verificação científica que exigirá uma escavação em área de dimensões muito mais abrangentes. Por ora, a hipótese mais parcimoniosa parece indicar:

- A construção de uma muralha original em época pré-romana, eventualmente associada a um nível de ocupação identificado na base da estratificação já atingida que (apesar da exiguidade da área escavada, cerca de 2 m<sup>2</sup>) parece isenta de materiais romanos, contendo exclusivamente objectos enquadráveis na Idade do Ferro da região transmontana (nomeadamente cerâmica lisa e decorada e contas de colar em vidro azul) (PINTO, 2019);

– Seguida de uma fase de destruição (e provável reconstrução) da muralha; e, por fim,

– A instalação de estruturas ortogonais, cuja natureza, materiais de construção e funcionalidade ainda desconhecemos(!), mas deverão enquadrar-se em época de influência/domínio romano, como se depreende do contexto artefactual composto por material de construção romano (tégulas, *imbrex*), *dolia* e possíveis fragmentos de ânfora, cerâmica comum romana, raros exemplares de *sigillata*, e objectos diversos em bronze e em ferro, com destaque para uma ponta de seta e uma grande quantidade de espécies numismáticas que (como na Plataforma 6) apontam para o século IV d.C.; antes do

– Abandono definitivo do sítio e sua fossilização no registo arqueoes-tratigráfico.

### Área “Topo 2”

Na área “Topo 2”, para além da presença dos já referidos muretes intermédios de soalco (ver acima) que, a confirmar-se uma cronologia antiga, participariam da estruturação do espaço e definição de áreas de circulação, destaca-se a descoberta dentro do espaço muralhado de um edifício de pedra de planta circular com um diâmetro total de aproximadamente 3,5 m (Fig. 7). Embora ainda não seja completamente conhecido, por ter sido apenas parcialmente escavado e se verificar a ablação da fracção superior da construção por um processo erosivo que afectou este sector da vertente, as características fundamentais da sua arquitectura e técnicas de construção justificam algumas interrogações, por se tratar de uma estrutura de fundação com ensoleiramento pétreo geral, aparentemente mais compatível com um edifício de expressão al-timétrica significativa do que com a base pétrea de uma simples habitação térrea, eventualmente com paredes e cobertura em materiais (semi-) perecíveis, como se esperaria para a Idade do Ferro da região.

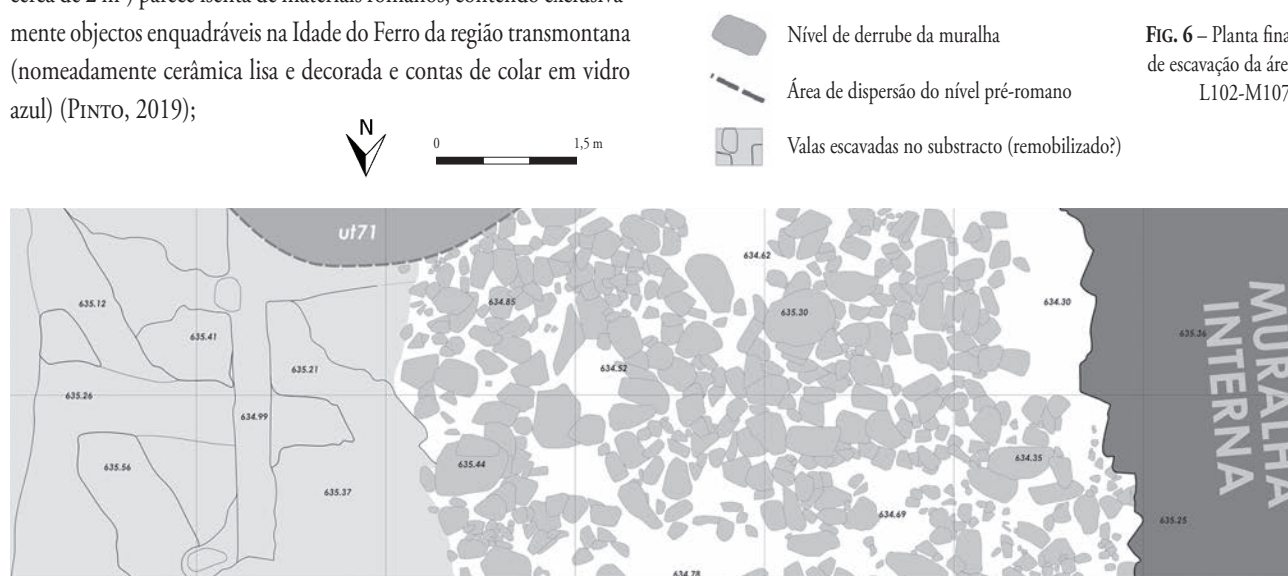


FIG. 6 – Planta final de escavação da área L102-M107.

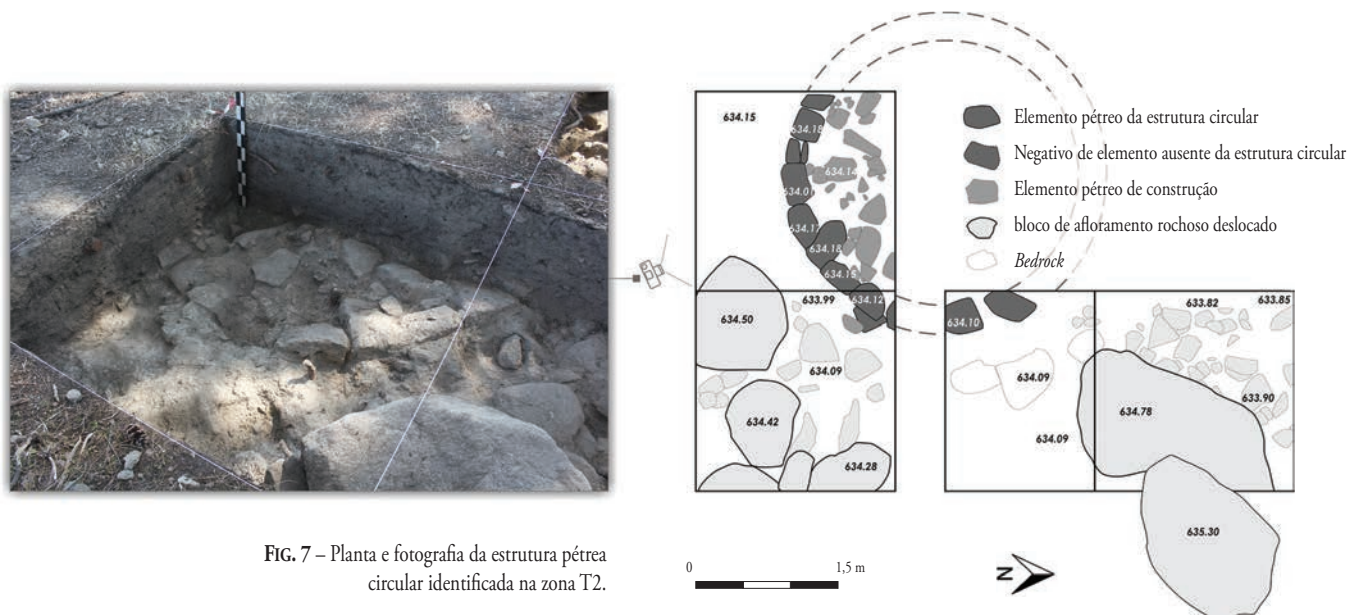


FIG. 7 – Planta e fotografia da estrutura pétrea circular identificada na zona T2.

Por fim, notar a presença nesta plataforma aplanada da área “Topo 2” de alguns fragmentos cerâmicos de características pré-históricas que poderão indiciar a ocupação deste esporão durante o Neolítico / Calcolítico, eventualmente em articulação com uma ocupação do relevo e plataformas a oeste-sudoeste, onde recolhemos à superfície espólio cerâmico e lítico mais abundante dessas cronologias.

## 5. PERSPECTIVAS, NA FALTA DE UMA CONCLUSÃO

### ROMANOS, NUMISMAS!

Embora ainda não se tenham sequer iniciado os trabalhos de limpeza, estabilização e estudo da colecção numismática recolhida em 2024 no Castelo dos Mouros, a inusitada abundância dos seus efectivos (512 exemplares), como se referiu, bem conhecida pelas populações locais e representado em colecções particulares e museus regionais (*maxime*, no Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real) exige uma referência, mesmo que sumária, nesta primeira notícia do sítio.

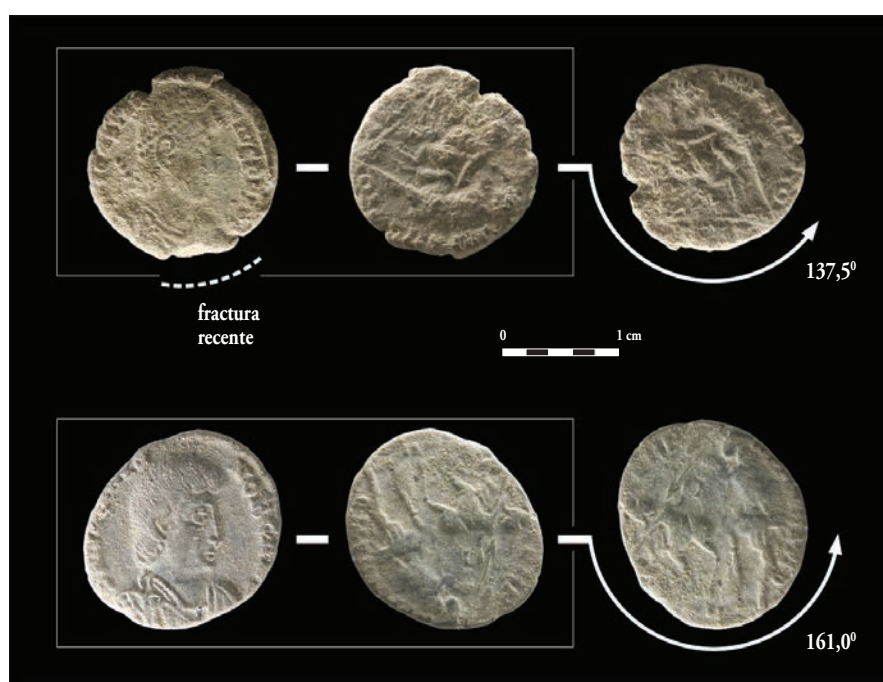
Neste sentido, os dados de terreno, repitase, ainda anteriores à limpeza e estudo dos materiais, sustentam já algumas observações:

– A importância da ocupação tardia do sítio, nos séculos III-IV d.C., revelada

pela cronologia da maioria dos numismas legíveis antes da limpeza, maioritariamente constantinos; e

– O predomínio esmagador de moedas em bronze, de circulação corrente e baixo valor (apesar da identificação pontual de alguns exemplares de moedas votivas, figurando a Loba capitolina com Rómulo e Remo, o Sol-Apolo ou a *gloria exercitus* no reverso) (Fig. 8), elemento crucial para a interpretação da funcionalidade do sítio, natureza das actividades aqui executadas e seu enquadramento na estratégia de ocupação/ exploração do território transmontano durante o domínio romano.

FIG. 8 – Fotografia de numismas recuperados na área T1 / UT02, antes do tratamento e estabilização química.





... E A IMPORTÂNCIA DOS PRIMEIROS  
INDÍCIOS DA OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO

A identificação, na base da estratificação escavada no interior da área murallhada ("Topo 1"), de um nível arqueológico aparentemente íntegro e bem preservado da ocupação pré-romana do povoado constitui outro resultado notável.

Com efeito, como referimos, o conteúdo artefactual da escassa área já escavada da UGT.72 (aproximadamente 2 m<sup>2</sup>) (ver acima e Fig. 6), exclusivamente composto de cerâmicas lisas e decoradas (incisas e impressas), com a particularidade de muitas possuírem acabamento por vassoura de fibras vegetais no interior (Fig. 9), parece documentar uma ocupação da acrópole anterior à ocupação romana que as próximas campanhas de escavação deverão concretizar, até porque a realização de um primeiro teste de flutuação de sedimentos revelou a presença significativa de espécies antracológicas e carpológicas que poderão fornecer informação crítica acerca das actividades económicas, enquadramento paleoambiental e cronologia das ocupações pré-romanas do Castelo dos Mouros do Cadaval.

#### PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO

Em conclusão, os primeiros trabalhos no Castelo dos Mouros do Cadaval demonstram o potencial científico e de disseminação deste sítio, sustentado na identificação de estruturas positivas e negativas na acrópole, na informação do seu espólio arqueológico e nos indícios de ocupação longa (entre o período pré-romano e a época de Constantino, cujos numismas abundam no sítio), justificando, por isso, a prossecução dos trabalhos de investigação, com atenção a duas escalas complementares de análise:

- A compreensão da estruturação interna do sítio, incluída a melhor caracterização diacrónica e tecnológica do aparelho defensivo, percursos de circulação e estruturas habitacionais ou outras, tanto no espaço murallhado da acrópole, como na envolvente, onde já se identificou uma profusão de estruturas habitacionais e, eventualmente, defensivas, com vista a uma reconstrução da estrutura sociopolítica e quotidiano do povoado; e
- O estudo detalhado do espólio arqueológico exumado, com vista não apenas ao enquadramento crono-cultural das estruturas e densificação da informação acerca da estrutura social, política e económica do sítio (devendo notar-se a este respeito a percepção de campo, ainda apenas subjectiva, de uma persistência de valores indígenas ao longo do período de domínio romano), mas também para definição da função do sítio no quadro da ocupação romana da região, para o que uma considera-



FIG. 9 – Fotografia de espólio arqueológico da Idade do Ferro.

ção cuidada da abundante colecção de numismas será determinante. Por fim, notar que, face às características de atractividade do sítio e à identificação que referimos acima de:

- Fragmentos cerâmicos atribuíveis à Idade do Bronze médio/Final – por comparação com o espólio de sítios como a Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) (LUIS, 2013) e o Alto da Malhada (Vila Nova de Foz Côa) (BOTICA *et al.*, 2023) – na acrópole; e
- Cerâmicas e objectos líticos talhados claramente pré-históricos – numa plataforma a oeste-sudoeste;

os futuros trabalhos de escavação não deverão deixar de avaliar a possível preservação de registo arqueológico de épocas anteriores à Idade do Ferro.

#### AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO


Os autores agradecem:

- A prestimosa colaboração de Andreia Arezes na identificação e classificação preliminar das cerâmicas exumadas no Castelo dos Mouros do Cadaval;
- O empenhamento activo de todos os parceiros do projecto TSF, com particular destaque para o Município de Murça, nas pessoas do seu presidente, Dr. Mário Artur Lopes e do Eng. Arménio Carvalho; e
- A participação nos trabalhos de terreno dos estudantes de licenciatura e mestrado em Arqueologia da Universidade do Porto que, pelo seu esforço e dedicação, merecem o nosso apreço e menção expressa de todos: Carla S. Duarte, Carolina R. Antunes, Cezar M. Jambo, Dinis B.

Duarte, Diogo S. Teixeira, Eduarda J. Pereira, Francisco L. Malheiro, Francisco P. Coimbra, Gustavo S. Alves, Helena M. Macedo, M. Índia Marques, Mariana P. Almeida, Patrícia S. Ramos, Paulo V. Oliveira, Pedro C. Basto, Rita F. Gomes, Tiago L. Gomes e Yasmin M. Monjardim.

Os trabalhos de investigação de Miguel Almeida são suportados pela Dryas/Octopetala, pela UNIARQ / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no quadro do financiamento por fundos nacionais através da FCT, no âmbito dos projectos UIDB/00698/2020 (<https://doi.org/10.54499/uidb/00698/2020>) e UIDP/00698/2020 (<https://doi.org/10.54499/uidp/00698/2020>) e pela Fundação La Caixa / BPI, no âmbito dos projectos Promove'XXI - O futuro do Interior: "Tsf - Territórios Sem Fronteiras", "Kassandra@Côa" e "EscarpArte".

A investigação de Maria de Jesus Sanches decorre no quadro da sua integração no corpo científico da FLUL - Faculdade de Letras da Universidade do Porto e, em particular, no CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (I&D 4059 da FCT) e pela Fundação La Caixa / BPI, no âmbito do projecto Promove'XXI - O futuro do Interior: "Tsf - Territórios Sem Fronteiras".

A investigação de Mónica Corga é suportada pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pela MORPH - Geociências, ao abrigo da bolsa de doutoramento em ambiente não académico 2023.04363.BDANA, e pela UNIARQ / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no quadro do financiamento por fundos nacionais através da FCT, dos projectos UIDB/00698/2020 (<https://doi.org/10.54499/uidb/00698/2020>) e UIDP/00698/2020 (<https://doi.org/10.54499/uidp/00698/2020>). 

## BIBLIOGRAFIA

ARQUEOHOJE (s.d.) – *Circuito Patrimonial Pedestre. Via romana*. Murça: Câmara Municipal de Murça. Folheto.

BOTICA, Natália *et al.* (2023) – “El Alto das Malhadas: restos de ocupación de la Edad del Bronce en el Douro português”. *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*. 31: 1-34. (<https://doi.org/10.15581/012.31.012>).

CENTENO, Rui (1987) – *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Doutoramento. (<http://hdl.handle.net/10216/21405>).

COSTA, António L. Pinto (1992) – *O Concelho de Murça. Retalhos para a sua História*. Murça: Câmara Municipal de Murça.

DAVEAU, Suzanne (2000) – *Portugal Geográfico*. 3.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Sá da Costa.

FERNANDES, João Luís Teixeira (1985) – *Murça, História, Gentes, Tradições: ensaio monográfico*. Murça: Câmara Municipal de Murça.

LEMONS, Francisco de Sande e MARTINS, Carla B. (2010) – “Povoamento e Rede Viária no Território de Influência de *Aquae Flaviae*”. In MARTINS, 2010: 79-105.

LEMONS, Francisco Sande (1993) – *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga: Universidade do Minho. Dissertação de Doutoramento na especialidade de Pré-história e História da Antiguidade. Policopiada. 6 vol.

LUÍS, Elsa (2013) – “Fraga dos Corvos habitat site, Sector A (Macedo de Cavaleiros, Portugal): the ceramic industry in the context of Northern Portugal's Bronze Age”. In CATALÁN RAMOS, Raúl; FUENTES MELGAR, Patricia e SASTRE BLANCO, José Carlos (coord.). *Arqueología en el Valle del Duero, del Neolítico a la Antigüedad Tardía: nuevas perspectivas. Actas de las I Jornadas de Jóvenes Investigadores en el Valle del Duero*. Madrid: La Ergastula (*Simpósia*, 4).

MARTINS, Carla M. Braz (coord.) (2010) – *Mineração e Povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental*. Porto: CITCEM. (<https://tinyurl.com/mrxzb9ac>).

PEREIRA, António Luís e LOPES, Isabel (2007) – “Relocalização, Identificação e Inspeção de Sítios pela Extensão do IPA - Macedo de Cavaleiros”. *Portal do Arqueólogo*. Lisboa: Património Cultural, I.P.

PINTO, Dulcineia B. (2005) – “Notas Para a Caracterização da Estação do Puio-Picote, Miranda do Douro”. *Portugalia*. Universidade do Porto. Nova série. 26: 77-112. (<https://tinyurl.com/3jr35n4n>).

PINTO, Dulcineia B. (2019) – “Contributos Para a Imagética Decorativa dos Recipientes Cerâmicos da Idade do Ferro de Trás-os-Montes: entre a meseta e o litoral português”. *Portugalia*. Universidade do Porto. Nova série. 40: 33-58. (<https://tinyurl.com/pfp3sv3p>).

PINTO, Dulcineia e SANCHES, Maria de Jesus (2022) – “Percecionando Ritos de Consagração e de Reconsagração numa Área Habitacional do Crasto de Palheiros (Murça) na Idade do Ferro”. In SANCHES, Maria de Jesus; BARBOSA, Maria Helena e TEIXEIRA, Joana de Castro (eds.). *Romper Fronteiras. Atravessar Territórios. Identidades e Intercâmbios durante a Pré-história Recente no interior norte da Península Ibérica*. Porto: CITCEM, pp. 443-471. (<https://hdl.handle.net/10216/148053>).

SANCHES, Maria de Jesus (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional)*. Porto: SPAE. 2 vols.

SANCHES, Maria de Jesus (2008) – *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. Murça: Município de Murça.

SANCHES, Maria de Jesus; SILVA, Margarida e NUNES, Susana (2000) – *PNTA/98-2000 -*

*- Levantamento arqueológico de Murça e área adjacente à Ribeira de Lila. Relatório final*.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins e Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SILVINO, Tony e PEREIRA, Pedro (2017) – “O Projecto de Investigação Sobre a Ocupação Humana em Torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó): em busca das origens da Romanização do Douro”. In ARNAUD, José Morais e MARTINS, Andrea (coord.). *Arqueologia em Portugal. 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1099-1108. (<https://tinyurl.com/c6mevda5>).

SILVINO, Tony e PEREIRA, Pedro (2020) – “Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó): uma exploração agrícola romana do Douro”. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César e MARTINS, Andrea (coord.). *Arqueologia em Portugal. 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254. (<https://tinyurl.com/2r8cjzyc>).

TEIXEIRA, Joana de Castro (2023) – *Os Povoamentos d'A Pedreira e Regadas no Contexto da Pré-História Recente do Vale do Tua*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (*Monografias*, 14). (<https://tinyurl.com/mpejb22f>).

## WEBGRAFIA

PATRIMÓNIO CULTURAL - Instituto Público (s.d.) – “Castelo dos Mouros / Castro do Cadaval”. *Portal do Arqueólogo*. (<https://tinyurl.com/5e5fkzvw>).

(todas as ligações à Internet apresentadas neste artigo estavam activas em 2024-09-30)